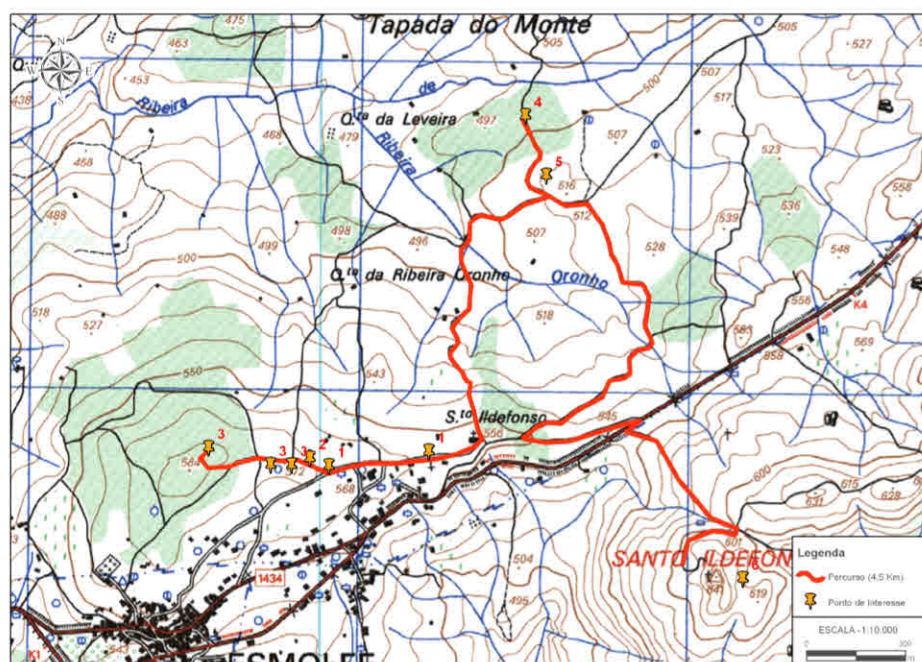


Percurso



Megalitismo

O **megalitismo** é um fenómeno planetário, onde podemos encontrar a prática de enterramento de mortos em grandes construções pétreas em diversos momentos da evolução da história do homem.

O **megalitismo** em território nacional deve ser compreendido no contexto das práticas funerárias e enterramento colectivo nas sociedades do 4º e 5º milénio a. C., que acompanhou a expansão territorial do povoamento neolítico e do desenvolvimento das comunidades de agricultores e de pastores.

O **megalitismo** compreende duas categorias de monumentos: os sepulcros de enterramento colectivo, conhecidos por dólmenes ou antas. As antas são enormes monumentos construídos com pesados blocos e lajes de pedra, cuja disposição definia um espaço de contorno poligonal ou subcircular, a câmara funerária, composta por sete ou nove esteios. Os monumentos não funerários, os menires, são grandes blocos de pedra dispostos verticalmente no solo, isolados ou agrupados sob a forma de alinhamentos circulares.

A vida no monumento funerário desenrolava-se pela prática de rituais com a disposição do defunto. Todavia, era também um local de culto e de união entre as populações, sendo frequentes as cerimónias religiosas, onde se prestava homenagem aos antepassados.



Este percurso desenvolve-se junto do rio Côja, da ribeira de Sezures e da ribeira de Oronho, permitindo o contacto do camancheiro com áreas florestais em que a espécie predominante é o pinheiro bravo, muitas vezes mesclado com carvalhos e eucaliptos, bem como áreas agrícolas ladeadas por videiras.

Associado a esta paisagem, o camancheiro pode encontrar aves: cucos, poupa, pardais, rolas, pica-paus, andorinhas, corvos, etc; pode ainda ser surpreendido pela visita de um conjunto variado de mamíferos como: raposas, esquilos, ovelhas, cabras, etc.

Cuidados especiais e normas de conduta

- Siga somente pelos caminhos sinalizados
- Evite barulhos e atitudes que perturbem a paz local
- Observe a fauna e a flora através do uso de binóculos
- Não deitar lixo no chão, coloque em local de recolha apropriado
- Use roupa e calçado confortável e adequado à estação do ano
- Não fazer lume
- Respeite a propriedade privada
- Seja simpático com os habitantes locais
- Não colher amostras de plantas ou rochas



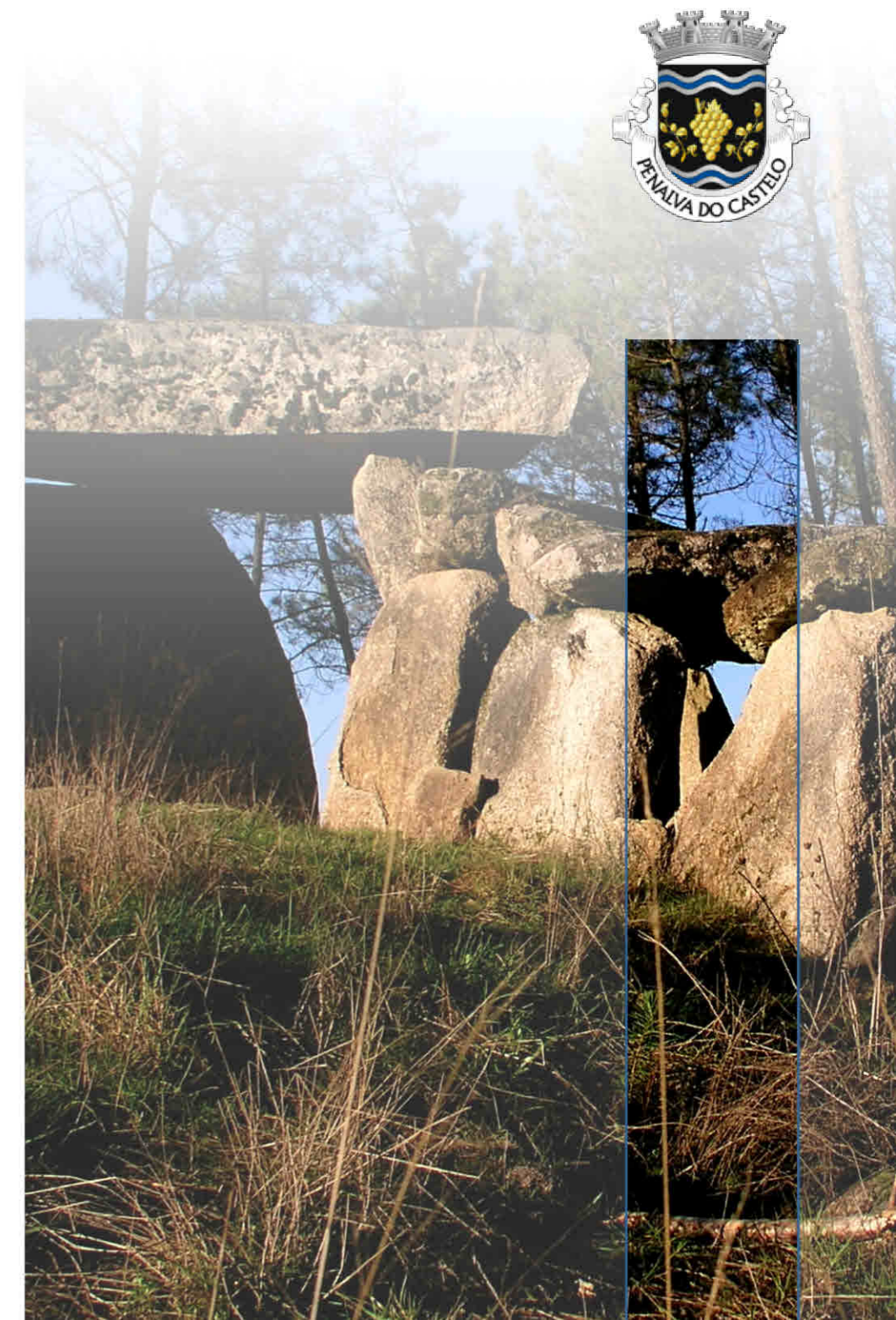
Contactos úteis:

Câmara Municipal de Penalva do Castelo +351 232 640 020
Bombeiros Voluntários de Penalva Castelo +351 232 641 444
G.N.R. de Penalva do Castelo +351 232 641 218

Percurso Arqueológico de Esmolfe



Início/fim do percurso: **Esmolfe**
Grau de dificuldade : **Médio**
Extensão: **4,5 Km**
Duração: **2h30m**



O percurso inicia-se junto ao cruzeiro de Ildefonso; siga em frente e pode observar as alminhas das eiras que se encontram assentes numa ara votiva anepígrafa.

Depois do cruzamento, vire à direita e pode observar a **necrópole medieval** constituída por três núcleos : das **Eirinhas**, de **S. Martinho** e da **Capela**.

Volte para trás e siga em direcção à **Anta de Penedo Com**, (anta de grandes dimensões de câmara poligonal de nove esteios, com corredor constituído por quatro monolíticos).

A 200 metros da anta do lado esquerdo pode observar o **Penedo Com**, abrigo natural, sob um penedo de granito de grandes dimensões. Siga em frente e tome o caminho de asfalto em direcção ao cimo da Serra da Paramuna, onde se situa o **Castro da Paramuna** ou dos **Mouros** e uma **gravura rupestre**.

1. Cruzeiro de Ildefonso e as Alminhas das Eirinhas

Os cruzeiros são elementos que testemunham a crença da religião católica e são o testemunho da fé do povo português. Situam-se em algumas praças, caminhos no meio das povoações, nos cruzamentos de caminhos e em planaltos. O cruzeiro de Ildefonso, (cujo ano de construção se desconhece) está assente numa plataforma quadrangular de um balcão, onde assenta um paralelepípedo, rematado por uma cruz latina.

As alminhas ou painéis do purgatório como também são conhecidas e que podemos encontrar dispersas em largos, montes e vales, à entrada de pontes, encruzilhadas, etc. São a manifestação mais importante da religiosidade e da arte popular. Estes pequenos e singelos objectos tinham como função sufragar as almas dos mortos, demonstrando a crença da vida para além da morte. Evocando aos vivos uma oração ou uma doação monetária para a salvação das almas dos defuntos. As **alminhas das Eirinhas** reaproveitaram uma ara romana anepígrafa, assente sobre uma plataforma de um degrau. Esta é constituída por uma base seccionada por cordão e garganta reversa, que sustenta o cipó paralelepípedo, rasgado por um nicho de arco de volta perfeita; a estrutura é rematada por uma cruz latina.



2. Uma possível via romana

Estabelecido o domínio romano na Península Ibérica, a abertura de estradas militares se impôs aos romanos, não só para melhor defesa do território conquistado, mas também pela necessidade de se manterem em contacto com a poderosa capital imperial que era Roma. Daí advém a conhecida expressão popular *todos os caminhos vão dar a Roma*.

Segundo o Prof. João Inês Vaz, no lugar das Eirinhas, S. Martinho e Capela foi encontrada muita cerâmica de construção (tégulas e imbrices), levando a concluir que esta zona foi muito utilizada pelos romanos para o desenvolvimento da agricultura.



3. Necrópole Medieval (Séc XII)

A necrópole medieval é constituída por três núcleos: das **Eirinhas**, **Capela** e **São Martinho**. O núcleo das **Eirinhas** é constituído por quatro sepulturas. A primeira sepultura encontra-se isolada junto a uma possível via romana secundária; esta tem uma forma ovalada e talhe rectangular. A cerca de 10 metros, num pequeno afloramento granítico, foram escavadas três sepulturas de forma antropomórfica de talhe perfeito, com medidas compreendidas entre 1,70 cm e 1,98 cm, tratando-se de sepulturas de adultos.



O núcleo de **S. Martinho** é constituído por quatro sepulturas escavadas na rocha. Duas sepulturas têm uma forma antropomórfica e outra tem uma forma ovalada. Esta encontra-se disposta à volta de uma estrutura quadrada interpretada por alguns arqueólogos como sendo um lagar de produção de vinho.



O terceiro núcleo da **capela** é constituído por três sepulturas antropomórficas isoladas.

4. Anta do Penedo do Com

A **Anta de Penedo Com** é um dólmen (monumento funerário colectivo), com uma câmara funerária poligonal formada por nove esteios. No ano de 1999, sofreu uma intervenção de restauro, conservação e divulgação, por iniciativa da Câmara Municipal de Penalva do Castelo.

A sua construção data do período Neolítico, 4º milénio a.C., mas foi reutilizada no período Calcolítico, durante o 3º milénio a.C., em que o quotidiano do homem se baseava na agricultura e na transumância, criando assim condições necessárias para o advento das primeiras aldeias do período neolítico.

A vida no interior do monumento funerário megalítico passava pela ocorrência de rituais relacionados com a disposição do morto no seu interior, era também o local de culto e de união entre as populações e, com alguma frequência, realizavam-se cerimónias religiosas e de homenagem aos antepassados.

Nela foram recolhidas uma grande variedade de materiais líticos, na sua maioria em sílex, possuindo também peças em quartzo leitoso e hialino e, alguma cerâmica com e sem decoração, vasos carenados e campaniformes.



5. Penedo Com

O **Penedo Com** é um abrigo natural, sob um penedo granítico de grandes dimensões, situa-se a 100m a sudoeste da Anta de Penedo Com e foi utilizado como habitação pelos construtores do dólmen. No penedo, foram encontrados, de forma casual, dois machados de pedra polida e cerâmica pré-histórica.



6. Castro da Paramuna ou dos Mouros e Gravura Rupestre

O **Castro da Paramuna**, erigido na proto-história, localiza-se num outeiro de declive acentuado com cerca de 640 m de altitude. Este possuía óptimas condições naturais que permitiam a defesa do povoado que aí se estabeleceu e era servido por diversas linhas de água afluentes do rio Dão e do rio Côja. Apesar da densa vegetação que actualmente cobre o castro ainda são visíveis os vestígios das muralhas em que alguns locais deviam ser duplas, devido ao amontoado de pedras que se encontram em redor do castro. Na superfície do castro foram encontrados trituradores de cereais da época neolítica, cerâmica dos períodos do bronze e do ferro. Segundo estudos efectuados pela Arqueohoje, neste local pode observar-se ainda uma **gravura rupestre**, representando talvez um guerreiro.

